

## **ENQUADRAMENTOS DA MÍDIA NINJA NA COBERTURA DA PRISÃO DO EX-PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

**Pedro Henrique Dorea Vidotti<sup>1</sup>  
Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Este trabalho opera uma análise de enquadramento no conteúdo publicado no site da Mídia NINJA durante a cobertura dos eventos em torno da prisão do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva em abril de 2018. Sob a perspectiva do conceito de midiativismo e levantando elementos de autodescrição do coletivo, buscamos compreender a Mídia NINJA enquanto iniciativa midiática engajada e, declaradamente, parcial por princípio. Nosso *corpus* é composto por 3 artigos, dentre os 12 que foram assinados pela NINJA no período que vai do dia 5 de abril de 2018, data em que foi decretada a prisão do ex-Presidente, até o dia 14 daquele mês, uma semana após a data de execução da prisão. Como referenciais teóricos, utilizamos as obras de Braighi (2016), Braighi e Câmara (2018) e Peruzzo (2009, 2013, 2018) para a discussão sobre midiativismo, e os autores Entman (1993), Pan e Kosicki (1993), Porto (2002) e Linstom e Marais (2012) para nortear a análise de enquadramento. Em primeiro lugar, a análise corrobora a discussão sobre engajamento e midiativismo. Em segundo, explora, através da análise de enquadramento, episódio recente e ainda pouco estudado na literatura em comunicação política e, também, na produção acadêmica com um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enquadramento; Mídia Ninja; Midiativismo.

### **MÍDIA NINJA'S FRAMINGS IN THE COVERAGE OF THE IMPRISONMENT OF EX-PRESIDENT LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

#### **ABSTRACT**

This essay undertakes a framing analysis of the content published in Mídia NINJA's site during the coverage of the events about the imprisonment of ex-President of Brazil Luiz Inácio Lula da Silva, in April 2018. From the perspective of the concept of mediativism and raising elements of the collective auto description, we searched to understand Mídia NINJA as committed media initiative and, avowedly, partial by a matter of principal. Our corpus is compound by 3 articles, among the 12 that were signed by NINJA in the period that goes from April 5, 2018, when the prison of the ex-President was decreed, until April 14, one week after the execution of the imprisonment. As theoretical framework we use the work of Braighi (2016), Braighi and Câmara (2018) and Peruzzo (2009, 2013, 2018) for the discussion on mediativism, and the authors Entman (1993), Pan and Kosicki (1993), Porto (2002) and Linstom and Marais (2012) to guide the

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Economia – Universidade Estadual de Feira de Santana (UFES).

<sup>2</sup> Mestre em Ciências Sociais – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo – Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

framing analysis. First, the analysis corroborates the discussion about commitment and mediativism. Second, it explores, by the framing analysis, a recent episode, which was little studied in politic communication literature and, also, in the academic production as a whole.

**KEYWORDS:** Framing; Mídia Ninja; Mediativism.

## INTRODUÇÃO

No dia 07 de abril de 2018, o ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que exerceu mandatos entre os anos de 2003 e 2007 e, após reeleição, entre os anos de 2008 e 2012, teve determinação de prisão cumprida por volta das 18h40, em São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, nas proximidades do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, local onde se entregou à Polícia Federal. Poucos dias antes, a partir de 05 de abril, quinta-feira, data em que foi decretada a prisão, o ex-Presidente alojou-se e manteve-se no sindicato, ao passo que o local recebeu visitas e foi cercado, em apoio a Lula, por integrantes de partidos políticos, entidades sindicais, entidades e grupos estudantis, movimentos sociais, organizações de mídia, dentre outras organizações da sociedade civil organizada.

O decreto de prisão, divulgado no dia 5 de abril, determinou que a execução deveria ocorrer até as 17h do dia 6 de abril, sexta-feira. Com o descumprimento da decisão judicial, foram operadas negociações tanto com a Polícia Federal como com as organizações políticas presentes. O descumprimento foi um dos elementos que configuraram a complexidade, o grau e a forma em que se deu a participação da mídia nos eventos.

Os fatos decorridos no período citado podem ser considerados um momento ápice de uma série de embates, tensões e controvérsias que ganharam atenção em debates na esfera pública brasileira e internacional. A partir de uma perspectiva mais ampla, podem-se compreender alguns elementos que tornaram os eventos em torno da prisão objeto de diversa e intensa cobertura da midiática.

A sentença contra o ex-presidente se deu no âmbito da chamada operação “Lava Jato”, conjunto de investigações que se desenvolveram, principalmente, a partir de 2014 na esfera da Justiça Federal e que avançou sobre esquemas de corrupção em setores

ligados ao Governo Federal. A condenação, que ocorreu em julho de 2017, determinou 9 anos e 6 meses de prisão pelos crimes de corrupção e lavagem de dinheiro, pena que foi aumentada para 12 anos e 1 mês na revisão do caso durante o julgamento em segunda instância divulgado em 24 de janeiro de 2018.

Neste trabalho, é relevante o destaque de que nos debates na esfera pública brasileira, e mesmo na internacional, há muito contraste na interpretação e reprodução dos fatos em diferentes campos da política nacional e, ainda mais fortemente, em relação ao julgamento, condenação e prisão do ex-Presidente.

O ambiente de intenso contraste na esfera pública é oportuno para investigações sobre práticas e métodos no ambiente midiático. O interesse de pesquisa nesse trabalho se volta para o midiativismo, fenômeno fortemente impulsionado pelo crescimento das redes sociais digitais, e que ocupa lugar relevante no debate público e nas discussões sobre as formas e representações midiáticas no contexto de novas interações na atual configuração comunicacional.

No Brasil, a Mídia NINJA, organização descentralizada e presente em uma grande diversidade de municípios brasileiros, com mais ou menos organicidade (a depender do local), pode ser situada, a partir de suas práticas e métodos que a diferenciam dos grandes grupos de mídia considerados tradicionais, no guarda-chuva conceitual da mídia alternativa ou da mídia independente. Em seu site, declarações e publicações, a organização evoca, quando descreve a si, o “midialivrismo”, conceito que contempla a especificidade de um objetivo prioritário de ativismo ligado à democratização da comunicação e que, por conta deste aspecto, se diferencia do midiativismo, que se relaciona com problemáticas sociais e causas diversas (BRAIGHI; CÂMARA, 2018). Neste trabalho, compreendemos a Mídia NINJA enquanto iniciativa midiativista, já que, na prática, sua atuação tem perpassado a defesa de pautas ao lado de organizações políticas e movimentos sociais através das mídias, encontrando assim, correspondência com as formas e as práticas contidas nas conceituações em torno do midiativismo.

Embora diversos trabalhos venham abordando processos políticos que envolvem o ex-presidente Lula, sob a perspectiva do enquadramento – incluindo aí a operação Lava-Jato e campanhas presidenciais – há poucos trabalhos que se debruçam

especificamente sobre o evento de sua prisão, na área da Comunicação, conforme pudemos observar em busca ao portal de periódicos Capes e no Google Acadêmico. Localizamos um trabalho que mais se aproxima deste foco, o artigo “Movimento Brasil Livre: a prisão de Lula como discurso de reafirmação de sua identidade” (ROSSI; DEMURU, 2018), que investiga, sob o ponto de vista da semiótica, o discurso daquele Movimento a partir do processo e prisão do ex-Presidente.

A análise de enquadramento, ou *framing analysis*, nos oferece recursos que possibilitam, dentre outras coisas, investigar como dado veículo de mídia organizou o conteúdo na representação de certa ocorrência de fatos. Ao mesmo tempo, os eventos que cercam a prisão do ex-Presidente Lula oferecem terreno para a pesquisa em um contexto de amplo e diversificado ambiente de cobertura midiática com forte atuação de iniciativas de mídia alternativa. Assim, através de uma análise dos enquadramentos operados pela Mídia NINJA em relação ao conjunto de fatos aqui já referidos, localizados e tangenciados pela prisão de Lula, traremos à evidência elementos da abordagem desta iniciativa midiativista em um contexto de forte contraste político. Para atingir esse objetivo, serão analisados 3 artigos, relacionados à temática aqui em foco. Os textos foram assinados pela Mídia NINJA e publicados no site do coletivo dentro de um recorte temporal definido que começa no dia 5 de abril de 2018, momento em que foi decretada a prisão do ex-Presidente Lula, e vai até 14 de abril de 2018, quando é completada uma semana após a data da execução da prisão<sup>3</sup>.

Além desta seção, este trabalho é composto por quatro outras. Na segunda e próxima seção é feita uma contextualização do que aqui é relevante sobre a Mídia NINJA e uma conceituação de midiativismo neste trabalho. A terceira seção trata da teoria do *framing* e dos procedimentos metodológicos aplicados. Em seguida, há uma seção para discussão dos resultados e, por fim, as considerações finais.

## MÍDIA NINJA E MEDIATIVISMO

---

<sup>3</sup> O primeiro artigo é intitulado “Não vamos arrear o pé: em São Bernardo, povo promete garantir a liberdade de Lula”, e foi publicado no dia 6 de abril. O segundo artigo, intitulado “Vigília democrática em São Bernardo continuará enquanto for necessário”, foi publicado na madrugada do dia 7 de abril. O terceiro artigo, intitulado “Eu sou uma ideia e ideias não morrem” foi publicado também no dia 7 daquele mês.

NINJA é o acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. O coletivo, que se mistura e se confunde com outras experiências e iniciativas midiáticas no campo da arte e da produção cultural, emergiu no debate nacional a partir da sua atuação durante o conjunto de manifestações de rua que ficaram conhecidas como as Jornadas de Junho, em 2013, disputando narrativas frente aos grandes grupos de mídia, inclusive pautando-os, através do uso de tecnologias de informação e comunicação (TICs) na Internet.

A Mídia NINJA guarda muitas relações orgânicas e organizacionais com o Fora do Eixo. As primeiras atividades do Fora do Eixo ocorreram no ano 2000 em Cuiabá, no Mato Grosso, consistindo em eventos musicais do cenário local. Marcada por uma atuação crítica no campo do ativismo cultural, em poucos anos a iniciativa passou a coordenar dezenas de casas coletivas, coletivos organizados e festivais culturais em muitas cidades do país. Como rede articulada, com forte posicionamento político e munida de uma estrutura e um aparato midiáticos, o Fora do Eixo passou a se conectar com diferentes movimentos sociais e organizações políticas. A partir de diversas experiências dentro do campo do jornalismo, as movimentações do Fora Eixo possibilitaram o surgimento do que se tornaria a Mídia NINJA.

Pode ser considerada como a primeira presença pública do Mídia Ninja a cobertura, em 2011, da Marcha Pela Liberdade, uma manifestação pela descriminalização das drogas, em São Paulo (BRAIGHI, 2016). “Iniciativas como o CMI (Centro de Mídia Independente), o Intervozes, o Fórum de Mídia Livre, o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação ou até mesmo as experiências de Rádios Livres e Comunitárias” subsidiaram e inspiraram as articulações que conceberam a Mídia NINJA (MÍDIA NINJA, n.d., online). As iniciativas e ações passam a se articular sob esse nome a partir da participação e da cobertura jornalística de Bruno Torturra e Felipe Altenfelder no Fórum Social Mundial na Tunísia em 2013, momento em que é criada a página de Facebook do coletivo para veiculações relacionadas ao evento.

Suas práticas, métodos e funcionamento incluem a manutenção de casas e caixas coletivos, estratégias colaborativas de produção de conteúdo, registros e transmissões ao vivo através da Internet, fotojornalismo, colunas em formato audiovisual e ensaios,

presença nas redes sociais digitais, dentre outras possibilidades mutáveis no processo de adaptação e invenção diante das ferramentas emergentes.

Como mídia alternativa engajada, é difusa a atuação da Mídia NINJA junto a uma diversidade de movimentações em torno de pautas, movimentos sociais e organizações políticas. Apesar de não haver vinculação orgânica com os movimentos e as organizações, os Ninjas não se colocam no lugar do mero registro e interpretação de fatos, se situando, então, nos processos de mobilização e organização. Como declarado no site do coletivo:

Uma das possibilidades mais interessantes do processo de comunicação ativista é a possibilidade de ruptura com o falso mito da imparcialidade do Jornalismo Corporativo. Nesse contexto, o cidadão que se vê como um veículo ou faz parte de uma rede de midialivrisimo não está em um protesto apenas para fazer o registro. Ele é um corpo da multidão e a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar (MÍDIA NINJA, n.d.).

Afirmações também de grande relevância e representatividade, que podem traduzir parte do impulso de parte do midiativismo no Brasil, estão grafadas em outro trecho da apresentação do coletivo no site e diz que:

[...] a grande novidade está na visualização que é possível se fazer, hoje, da soma dessas iniciativas que ganham força e legitimidade para se apresentar como a nova grande mídia. Trata-se de uma ecologia de produção de conteúdos que tem capacidade de incidir diretamente nas disputas de imaginário contemporâneas e colaborar com a obtenção de conquistas públicas da sociedade. Em razão disso, compreendemos que muitas vezes estamos na contramão dos interesses dos veículos que fazem parte do sistema de comunicação corporativo no Brasil, faz parte da disputa, e a Mídia NINJA escolheu um lado (MÍDIA NINJA, n.d.).

Levando em conta o contexto das manifestações que ocorreram em junho e julho de 2013 no Brasil, Peruzzo fala de uma “outra comunicação em curso”, “que agora ganha novas formas de expressão e capacidade de democratizar conteúdos por meio do empoderamento das tecnologias que facilitam as conexões e a formação de novas redes (...)” (2013, p. 90). A autora destacou, ainda em período próximo de sua ocorrência, elementos que viriam a permear a literatura sobre a iniciativa midiática em debate:

[...] além das redes de comunicação independentes que se formaram graças aos celulares conectados na internet, um veículo de mídia alternativa, a Mídia

Ninja, ganhou destaque por sua atuação durante as passeatas de protesto e reivindicações. Ao gravar e transmitir imagens e sons ao vivo dos acontecimentos passou a ser um canal de informação confiável e capaz de transmitir a informação diretamente do cenário de ocorrência, muitas vezes confrontando a versão da mídia convencional ou revelando fatos que ela não cobriu. Chegou até a servir de fonte para esta, quando enfrentou dificuldades em penetrar nas manifestações (passaram a não ser bem aceitas no decorrer do processo) quanto pela falta de capacidade de alterar os padrões tradicionais das coberturas jornalísticas (PERUZZO, 2013, p. 91).

Na dimensão desta “outra comunicação”, podemos distinguir diferentes processos. Conforme delimitação de Peruzzo (2009), a comunicação popular, que surge da ação de grupos populares (movimentos e organizações) sem se caracterizar como um tipo de mídia, mas como processos de comunicação, que incluem a relação interpessoal e dialógica; a comunicação comunitária que, recorrendo a princípios da comunicação popular, constitui-se em canais de expressão de indivíduos de uma comunidade, envolvendo sentimentos de pertença e prática conjugada; e a comunicação alternativa, que pode abarcar a comunicação popular e a comunitária, incluindo também a imprensa “não alinhada às posturas da mídia tradicional” (PERUZZO, 2009, p. 53), representando “uma opção enquanto fonte de informação” (PERUZZO, 2009, p. 54).

A comunicação popular, comunitária e alternativa localizam, ao mesmo passo em que se misturam a, processos de intervenção sociais mais amplos que, por vezes, assumem o que está embutido em cada um dos vocábulos, mas que, em seu conjunto, podem ser consideradas “a expressão do ativismo mediático progressista” (PERUZZO, 2018, p. 53). A complexidade relaciona-se também às especificidades relacionadas às tecnologias incorporadas e à multiplicidade de artefatos, linguagens, formatos, formas e facetas que constituem esses fenômenos, incluindo o que se pode chamar de midiativismo (PERUZZO, 2018).

Considerando o exposto por Braighi e Câmara, uma apresentação possível afirma que o midiativismo pode ser descrito como

[...] um processo de mobilização, que alude em como cada ativista usa as mídias de maneira diferente para atingir seus objetivos e servir aos seus movimentos (dos quais faz parte, efetivamente ou não), com ações que extrapolam as redes sociais digitais e ganham as ruas (2018, p. 31).

Levando em conta aspectos práticos e respectivos exemplos:

O midiativismo pode ser: a) um tanto personalizado (midiativistas individuais); b) parte das estratégias de movimentos sociais populares (por exemplo, a ação comunicacional do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB), do Movimento Passe Livre (MPL) etc.); c) derivado de ação de alguma ONG (como o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) e o Mídia Ninja), sindicatos, redes e associações afins; d) desenvolvido por coletivos populares em bairros periféricos (Maré Vive, Favela em Foco, Ocupa Alemão – no Rio de Janeiro); e) o mote principal de ONGs ou coletivos que têm como vocação a atuação nos meios de comunicação tradicionais (alternativos ou presença nos convencionais) e/ou na Internet, como por exemplo, o Centro de Mídia Independente (CMI), o Global Voices, Revista Pillku, Media Leaks, que primam pela difusão de visões alternativas dos fatos e a cobertura de temas desprezados pelos media corporativos; f) do tipo “mídia tática” em que se busca a interferência direta em sistemas operativos (mídias, portais etc.), como, por exemplo, o que é feito pelo coletivo Anonymous (PERUZZO, 2018, p. 54-55).

## A ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

De acordo com Vimeiro e Maia (2011), a origem das análises de enquadramentos remete a estudos das décadas de 1970, atribuídos a Erving Goffman (1974), e 1980, com Kahneman e Tversky (1984), adentrando os estudos de mídia e cobertura jornalística com Gitlin (1980) também no início dessa década e desenvolvidos de forma mais articulada e robusta a partir de Ganson e Modigliani (1989) e, posteriormente, por Entman (1993).

Para Entman (1993), enquadrar envolve, essencialmente, seleção e relevância a partir de alguns aspectos da realidade percebida e tornando-os mais salientes em um texto, de modo a promover a definição de problema particular, interpretação causal, avaliação moral e/ou recomendação para o objeto tratado. Os quadros, então, 1) definiriam problemas, 2) diagnosticariam causas, 3) avaliariam e 4) sugeririam soluções. Já o processo de enquadramento teria quatro etapas ou quatro lugares: o comunicador, o texto, o receptor e a cultura (ENTMAN, 1993).

Pan e Kosicki (1993) afirmam que o discurso noticioso é concebido como um processo sociocognitivo envolvendo os três atores: fontes, jornalistas e membros da audiência atuando no universo da cultura compartilhada e com base em papéis socialmente definidos. A análise de enquadramento é apresentada como uma abordagem construtivista para examinar o discurso de notícias com o foco primário na conceituação de textos de notícias em dimensões empiricamente operacionalizáveis – estruturas

sintáticas, de roteiro, temáticas e retóricas – para que a evidência do enquadramento das notícias nos textos noticiosos possa ser coletada (PAN; KOSICKI, 1993).

Os comunicadores, ao decidir o que dizer, constroem quadros conscientes ou inconscientes organizados também pelos seus esquemas de crenças. Os quadros, expressos por palavras-chave, frases de efeitos, imagens, fontes, etc guiam o pensamento e a conclusão do receptor, refletindo ou não a intenção do comunicador. A cultura é o conjunto empiricamente demonstrável de quadros comuns presentes no discurso e no pensamento de um grupo de pessoas. Assim, a relevância é um produto da interação de texto e receptor, e a presença de quadros não garante a influência sobre o pensamento da audiência.

Pesquisas que realizam análises de enquadramento têm apresentado diferentes metodologias e categorias diversas de análise. É essencial, entretanto, que o pesquisador faça uso de padrões sistemáticos, evidenciando suas escolhas, para que seu *corpus* seja observado de forma clara, ainda que o subjetivismo esteja inevitavelmente implicado na análise qualitativa.

Reese (*apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 25) afirma que o valor da análise de enquadramento não reside “em seu potencial como um domínio de pesquisa unificado, mas um modelo provocativo”<sup>4</sup> que une distintos modos de conhecimento. Para Du Plooy, é “a natureza dos dados e o problema de pesquisa” (*apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 26) que ditam sua metodologia. Esta análise adquire especificidades já que tratamos das práticas de uma iniciativa de midiativismo, que atua através das mídias engajadas, apresentando modos diversos aos grandes grupos de mídia de produzir notícias.

Baseamos esta análise no método proposto por Linstrom e Marais (2012) no artigo *Qualitative news frame analysis: a methodology*. Inicialmente, efetuamos a escolha do tema e a definição do recorte temporal de análise. Neste caso, feito este recorte, selecionamos o *corpus* de análise seguindo critérios de seleção. Em uma quarta etapa, identificamos uma unidade de análise. Segundo Wimmer e Dominick (*apud* LINSTROM; MARAIS, 2012), a unidade de análise pode ser uma palavra, um símbolo, tema ou um artigo integral. Feito este recorte, estabelecemos definições operacionais,

---

<sup>4</sup> Todos os trechos desta referência são de tradução nossa.

que são “descrições precisas que especificam o fenômeno de interesse” (WIMMER; DOMINICK *apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 30). Consolidadas estas etapas, passamos à identificação dos enquadramentos em si, que demanda saber “como” buscá-los e “o que” buscar nos discursos.

Em “o que” deve ser buscado, consideramos o que Gamson & Lasch apontam como “‘equipamentos simbólicos’ ou ‘elementos de assinatura’ que estão localizados dentro das histórias das notícias” (*apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 31). É, mais uma vez, o problema de pesquisa que guia o pesquisador sobre quais dispositivos deverá se utilizar para mapear estes dados. Os autores dividem esses dispositivos em dois tipos: retóricos e técnicos.

Os dispositivos retóricos incluem “escolha de palavras, metáforas e exemplos”, “a presença ou ausência de certas palavras-chave, lugares-comuns, fontes de informação e frases que fornecem conjuntos de fatos ou julgamentos tematicamente reforçadores” (ENTMAN *apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 31). Já os dispositivos técnicos abrangem elementos da escrita jornalística e de linguagem visual – “manchetes, subtítulos, legendas de fotos, leads, seleção de fontes, seleção de citações e declarações e parágrafos finais” (TANKARD, *apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 32). O autor adiciona a estes, fotos e imagens e sua disposição.

A manchete, segundo Pan e Kosicki, constitui importante indicador do enquadramento, porque “é a pista mais evidente para ativar certos conceitos semanticamente relacionados nas mentes dos leitores” (*apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 33). Importante também é a escolha de fontes como dispositivos de enquadramento. De acordo ainda com os autores é importante notar quem é citado, como é identificado e onde a citação é colocada na história (PAN; KOSICKI *apud* LINSTROM; MARAIS, 2012, p. 32). Tais aspectos podem contribuir para a percepção do enquadramento, através da verificação de quem são as vozes de autoridade no texto – e que, no caso da Mídia Ninja, estabelecem versões e conteúdo alternativos que emergem da base da sociedade e que, em muitas vezes, se contrapõem aos discursos dos grandes veículos de mídia.

Quanto a este item, Porto (2002), no artigo *Enquadramentos da Mídia e Política*, que também afirma a não unicidade de estudos na teoria do enquadramento, afirma que

é preciso especificar diferentes níveis de análise para definir os diversos tipos de enquadramento, e propõe um modelo baseado na voz que se anuncia na notícia:

Enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão dos jornalistas, este seria o ‘ângulo da notícia’, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros. (...) Já os enquadramentos interpretativos operam em um nível mais específico e possuem uma independência relativa em relação aos jornalistas que os relatam. Enquadramentos interpretativos são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento, etc. (PORTO, 2002, p. 15).

Os enquadramentos interpretativos são realizados por outros atores sociais que não os jornalistas. O autor diferencia, assim, as interpretações promovidas por diversos outros agentes – incluindo governo e movimentos sociais – das coberturas essencialmente “noticiosas” realizadas por jornalistas, embora reconheça que estes “também contribuem com seus próprios enquadramentos interpretativos ao produzir notícias” (PORTO, 2002, p. 15). No caso da Mídia Ninja, como veículo midiativista, estes dois tipos de enquadramentos podem ter limites borrados, já que o jornalista é também um ativista e reflete sua interpretação nas matérias. De todo modo, Porto (2002) aponta a importância de identificar as avaliações apresentadas pelas fontes citadas no conteúdo analisado, autores outros que os jornalistas citam para construir consigo suas interpretações da realidade. Porto (2002) afirma que “a análise deve explicitar ainda as razões que levam ao predomínio de certos enquadramentos em detrimento de outros” (2002, p. 18), o que é importante na análise de uma mídia politicamente engajada.

Os itens analisados não foram considerados de forma independente, mas dialógica, considerados como caracterizadores dos marcos interpretativos na história recortada pelo veículo, dentro da cultura política na qual se insere e no qual interfere.

No recorte que começa no dia 5 de abril, data em que foi decretada a prisão do ex-Presidente, e vai até o dia 14 daquele mês, uma semana após a data da execução da prisão, que ocorreu no dia 7, foram publicados 21 artigos no site da Mídia NINJA abordando aquele contexto corrente. Dentro desse total, 12 artigos são de autoria de colunistas colaboradores ou reproduções de conteúdos de outros sites e veículos. Os

outros 9 são assinados pela “NINJA”, como sinalizado nos artigos. De uma forma que guarda as características e os enquadramentos mais pertinentes ao conjunto mais orgânico de midiativistas do coletivo, a análise aqui empreendida compreende os 3 artigos, já citados na introdução deste trabalho, que se configuram como desenvolvimentos interpretativos mais extensos sobre a temática em foco, enquanto o restante se configura como matérias em formato de notas que anunciam um conteúdo externo.

Ter, como objeto de nosso exame, conteúdos publicados originalmente no site, deixando de fora do *corpus* as publicações em redes sociais digitais e via *streaming*, centrais para os métodos e práticas empreendidos pelo coletivo, configura um recorte para este artigo, e estudos posteriores podem abranger outros canais, com suas especificidades. O olhar voltado para os artigos citados guarda a vantagem de nos debruçarmos, a partir dessa opção, para um tipo de desenvolvimento e apresentação de interpretação mais organizados dos fatos.

## RESULTADOS

O artigo de título “Não vamos arredar o pé: em São Bernardo, povo promete garantir liberdade de Lula”, assinado pela Mídia NINJA e publicado no dia 6 de abril de 2018, sentencia, já de início, que “Em frente à sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo/SP, milhares de pessoas se mobilizaram contra a ordem de prisão ao ex-presidente Lula [...]” (MÍDIA NINJA, 2018a). Quase que na sequência, é reproduzido trecho de umas das falas da ex-Presidente Dilma Rousseff durante as manifestações que ocorreram no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC durante o período em que Lula esteve alojado no local. “‘Hoje o Brasil viu a rapidez com que se decidiu privar o presidente mais aclamado deste país, do que há de mais sagrado na constituição: a liberdade’, disse em discurso a ex-Presidenta Dilma Rousseff (PT)” (MÍDIA NINJA, 2018a). Em seguida, cita outro trecho:

‘Vamos enfrentar esse momento com a tranquilidade que tem os inocentes, não como aqueles que incitam o ódio. Nós e o presidente Lula não somos como os fascistas. Não somos como as pessoas que só entendem a linguagem

da violência, das pedras e dos tiros. Esse não é o Brasil que queremos’, afirmou Dilma (MÍDIA NINJA, 2018a).

O artigo usa em outros momentos o recurso de reprodução dos trechos das falas de figuras públicas e lideranças das organizações presentes nas manifestações. São reproduzidos ainda trechos de falas da Presidente do Partido dos Trabalhadores (PT) Gleise Hoffman, da liderança no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) Guilherme Boulos, da militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) Manuela D’Ávila, do Deputado Federal do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) Ivan Valente, do dirigente do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) João Paulo Rodrigues e do Senador Petista Humberto Costa. A primeira afirmou, por exemplo, que “o juiz Sérgio Moro representa a politização do judiciário, e que tem uma obsessão pelo ex-presidente Lula. ‘Ele não podia perder a oportunidade de tentar prender o Lula, eu digo tentar prender porque nós vamos reverter essa situação’” (MÍDIA NINJA, 2018a). Os outros trechos destacados tocam na necessidade de se permanecer em mobilização no sindicato, nos atos que decorram por todo o Brasil, em contraposição à decisão judicial e alerta sobre um autoritarismo crescente ligado ao Poder Judiciário no Brasil.

Como interpretação episódica, escreveu-se que

Esse momento marcou uma história (*sic*) união da esquerda brasileira, contando com uma ampla gama de partidos e movimentos sociais em defesa de Lula. Isso mostra que mesmo com diversas candidaturas, o campo progressista conseguiu falar em uníssono (MÍDIA NINJA, 2018a).

Marca essa publicação do dia 6 de abril um quadro interpretativo que aponta uma convergência do campo progressista na defesa da liberdade do ex-Presidente Lula, na posição em relação à decisão e ao processo judicial e na mobilização no sindicato para tensionar e, em certa medida, impedir de fato, que ocorresse a prisão.



Figura 1: Lideranças políticas, organizações e apoiadores em manifestação no sindicato. Fonte: MÍDIA NINJA, 2018a

Publicado na madrugada do dia 7 de abril, o artigo de título “Vigília democrática em São Bernardo continuará enquanto for necessário” resgata a ordem dos eventos a partir do momento em que é decretada a prisão e em que Lula se dirige ao sindicato. Em grande medida, o texto concentra sentenças que fazem referência ao fluxo de pessoas e caravanas que se dirigem ao sindicato “para prestar solidariedade ao ex-presidente e atual candidato à presidência pelo PT” (MÍDIA NINJA, 2018b).

Caravanas saíram de outros estados em direção ao local onde ele se encontra e em várias cidades do país, incluindo as capitais dos 27 estados, ocorreram mobilizações em solidariedade ao presidente, reunindo milhares de pessoas em cada um. Mais de 80 rodovias foram trancadas pelo Brasil, em atos organizados por movimentos. Também ocorreram manifestações internacionais, como em Buenos Aires e em Barcelona (MÍDIA NINJA, 2018b).

Outro conjunto de sentenças destaca elementos que se relacionam com o não cumprimento deliberado, por parte do ex-Presidente, do prazo que definiu como limite para que ele se entregasse à Polícia Federal às 17h do dia 6 de abril. “Aproximando-se o prazo, os apoiadores de Lula fizeram contagem regressiva para as 17h. Como havia afirmado, ele não se apresentou à PF” (MÍDIA NINJA, 2018b).

Deslocando-se um pouco em direção ao lugar mais comum ao enquadramento noticioso, deixado quase que somente no nível implícito, o enquadramento interpretativo se torna mais diluído.



Figura 2: Manifestação em Nova York em apoio a Lula. Fonte: MÍDIA NINJA, 2018b

Na tarde do dia 7 de abril foi publicado no site da Mídia NINJA o artigo, assinado pelo coletivo, que teve como título “Eu sou uma ideia. E ideias não morrem”. A afirmativa remete a um dos conjuntos de sentenças que forjam um quadro, reflexo também de quadros presentes na realidade interpretada, que desumaniza a figura do ex-Presidente Lula e o mitifica, ao mesmo tempo em que gera a impressão de que, após ser preso, sua presença se encontraria diluída como impulso, como ideia entre quem continua carregando os elementos que constituem sua atuação política.

A frase destacada do discurso de Lula, que ocorreu entre o final da manhã e início da tarde em meio ao que pode ser adjetivado como um grande evento político, é representativa desse “espírito” do momento. Nas palavras do ex-Presidente, “Eu não pararei, porque não sou mais um ser humano. Sou uma ideia. Uma ideia misturada com a ideia de vocês” (MÍDIA NINJA, 2018c). A figura da multidão, inclusive, nas fotos que ilustram o artigo, e a imagem de Lula, como num processo de imersão, foram objeto de exploração do texto:

Ele [Lula] saiu do caminhão de som sendo carregado pela multidão, de mão em mão, de volta para dentro do prédio do sindicato, enquanto os artistas presentes

cantavam a música ‘Apesar de Você’, escrita durante a ditadura militar por Chico Buarque (MÍDIA NINJA, 2018c).

As atividades que se iniciaram no sindicato pela manhã, com uma missa em formato de ato ecumênico em homenagem à esposa de Lula, Marisa Letícia, já falecida, que faria aniversário na data, se tornaram naturalmente um representativo evento e acontecimento político. Nessa cobertura, foi dado destaque a discurso feito por Lula dando ênfase à disputa de narrativa sobre o processo judicial em curso:

Sobre a acusação, Lula declarou: “Eu acredito na Justiça e não estou acima da lei. Mas acredito numa justiça verdadeira, baseada nos autos do processo. Não posso admitir mentiras e um PowerPoint como justiça”. O ex-presidente ainda pontuou o quanto a injustiça a qual está sendo submetido tem aproximado-o cada vez mais do povo e fortalecido a sua relação com os brasileiros. Sobre seus acusadores, disse: “Mentiram no meu processo e eu digo com segurança: nenhum deles dorme com a consciência tranquila como eu durmo com a minha inocência” (MÍDIA NINJA, 2018c).



Figura 3: Lula em manifestação antes da execução da prisão. Fonte: MÍDIA NINJA, 2018c

Para esta investigação, os quadros destacados interessam na medida em que apoiam a imagem de um midiativismo engajado, que possui a parcialidade em sua prática e que constrói ativamente essa postura em suas experiências. A Mídia NINJA afirma:

Valorizamos a multiplicidade de parcialidades e buscamos alinhar a informação com um conjunto de valores e direitos sociais, com os quais temos compromisso e que para nós são fundamentais. Nossas pautas são nossas causas. Acreditamos no movimento e na transformação social, a partir de uma experiência radical de mídia livre e distribuída, a serviço de uma nova narrativa social, mais comunitária e mais afetiva (MÍDIA NINJA, n.d).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente de intenso contraste na esfera pública é oportuno para investigações sobre práticas e métodos no ambiente midiático. O interesse de pesquisa neste trabalho se volta para o midiativismo, fenômeno fortemente impulsionado pelo crescimento das redes sociais digitais, e que ocupa lugar relevante no debate público e nas discussões sobre as formas e representações midiáticas no contexto de novas interações na atual configuração comunicacional.

A análise de enquadramento permitiu reforçar a discussão do midiativismo, acionado pela Mídia NINJA, como iniciativa engajada e parcial por princípio. Ademais, o episódio em tela apresenta divergente cobertura midiática, de forma que pudemos evidenciar a abordagem da Mídia NINJA em um contexto de contrastes, em que esta se situa – “escolhendo um lado” – em processos não apenas de reportagem de acontecimentos, mas de mobilização.

Os quadros identificados em análise de conteúdo operada, sob a teoria do enquadramento, gerados em artigos assinados pela Mídia NINJA em um esforço conjunto de cobertura, de maneira orgânica, dos eventos que ocorreram em torno da prisão do ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apoiam este trabalho em dois sentidos. Em primeiro lugar, corroboram a discussão sobre o assumido engajamento e parcialidade da Mídia NINJA configurada em uma iniciativa midiativista. Em segundo, exploram, através da análise de enquadramento, episódio recente e ainda pouco estudado na literatura em comunicação política e, também, na produção acadêmica como um todo.

## REFERÊNCIAS

BRAIGHI, Antônio Augusto. **Análise do Discurso Midiativista: uma abordagem às transmissões simultâneas do Mídia Ninja**. 2016. 656 f. Tese (Doutorado em Letras) –

Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/29723411/\\_Tese\\_de\\_Doutorado\\_AN%C3%81LISE\\_DO\\_DISCURSO\\_MIDIATIVISTA\\_uma\\_abordagem\\_%C3%A0s\\_transmiss%C3%B5es\\_simult%C3%A2neas\\_do\\_M%C3%ADdia\\_Ninja](https://www.academia.edu/29723411/_Tese_de_Doutorado_AN%C3%81LISE_DO_DISCURSO_MIDIATIVISTA_uma_abordagem_%C3%A0s_transmiss%C3%B5es_simult%C3%A2neas_do_M%C3%ADdia_Ninja). Acesso em 15 mar. 2020.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 25-42. Disponível em: <https://interfacesdomidiativismo.wordpress.com/2017/12/07/download-do-e-book/>. Acesso em 15 mar. 2020.

ENTMAN, Robert. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, 1993, v. 43, n. 4, p. 51–58. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>. Acesso em 15 mar. 2020.

LINSTROM, Margaret; MARAIS, Willemien. Qualitative news frame analysis: a methodology. **Communitas**, 2012. v. 17, p. 21-38. Disponível em: <http://journals.ufs.ac.za/index.php/com/article/view/991>. Acesso em 15 mar. 2020.

MÍDIA NINJA. **Não vamos arredar o pé: em São Bernardo, povo promete garantir liberdade de Lula**. 2018a. Disponível em: <http://midianinja.org/news/nao-vamos-arredar-o-pe-em-sao-bernardo-povo-promete-garantir-liberdade-de-lula/>. Acesso em 3 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Vigília democrática em São Bernardo continuará enquanto for necessário**. 2018b. Disponível em: <http://midianinja.org/news/vigilia-democratica-em-sao-bernardo-continuara-enquanto-for-necessario/>. Acesso em 3 de ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Eu sou uma ideia. E ideias não morrem**. 2018c. Disponível em: <http://midianinja.org/news/eu-sou-uma-ideia-e-ideias-nao-morrem/>. Acesso em: 3 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. **Perguntas frequentes**. n.d. Disponível em: <http://midianinja.org/perguntas-frequentes/>. Acesso em 3 de ago. 2018.

PAN, Zhongdang; KOSICK, Gerald. 1993. Framing Analysis: An Approach to News Discourse. **Political Communication**, 1993, 10(1), p. 55–75. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/248988086\\_Framing\\_Analysis\\_An\\_Approach\\_to\\_News\\_Discourse](https://www.researchgate.net/publication/248988086_Framing_Analysis_An_Approach_to_News_Discourse). Acesso em 15 mar. 2020.

PERUZZO, Cícília. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**. Rio de Janeiro, maio/agosto 2009, v. 12, n. 2, p. 46-61. Disponível em:

[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/viewFile/947/887](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/947/887). Acesso em 22 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **Matrizes**. São Paulo, jul./dez. 2013, Ano 7, nº 2, p. 73-93. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.ou?id=143029360005>. Acesso em 15 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 43-61. Disponível em: <https://interfacedomidiativismo.wordpress.com/2017/12/07/download-do-e-book/>. Acesso em 15 mar. 2020.

PORTO, Mario. **Enquadramentos da Mídia e Política**. In: XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, 2002, Caxambu. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>. Acesso em 15 mar. 2020.

VIMEIRO, Ana Caro; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, 2011, v. 18, n. 1, p. 235-252. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8810>. Acesso em 15 mar. 2020.

**Recebido em 15 de março de 2020**

**Aprovado em 30 de maio de 2020**